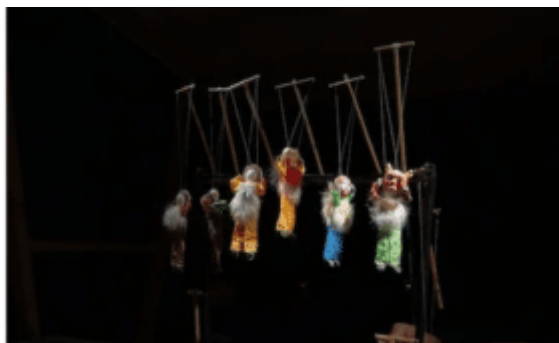


Rede Globo - de golpista a progressista?



Por **FRANCISCO FERNANDES LADEIRA***

Salvo raras exceções, a esquerda, pautada pela Rede Globo, tem endossado a campanha por uma mulher negra no STF

Em outras épocas, era comum ouvirmos, em manifestação de esquerda, o grito “o povo não é bobo, abaixo a *Rede Globo*”. De fato, a emissora da família Marinho sempre defendeu os interesses das elites econômicas; sendo contrária a qualquer pauta que beneficiasse minimamente a classe trabalhadora.

Em seus primeiros anos, a Vênus Platinada foi uma espécie de “canal oficial” da Ditadura militar. Na década de 1980, quando o regime agonizava, os noticiários da *Rede Globo* ocultavam ao máximo os movimentos conhecidos como “Diretas Já”, que tinham como principal objetivo a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente da República. Ainda naquela década, o apoio global foi de suma importância para a eleição de Fernando Collor. Anos depois, a emissora se mostrou amplamente favorável à política neoliberal de terra arrasada colocada em prática nos dois governos de Fernando Henrique Cardoso.

Já no recente contexto de golpe de Estado, mais uma vez a Globo se fez presente, como a principal porta-voz do sentimento “antipetista”, que contribuiu significativamente para que todo tipo de obscurantismo saísse do armário. Basta lembrarmos da ampla cobertura do espetáculo jurídico/midiático conhecido como “Mensalão”, no papel fundamental da emissora para transformar as jornadas de Junho de 2013 em um movimento altamente retrógrado, nas convocações da classe média para atos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e no conluio com a nefasta Operação Lava-Jato (naturalizando o *lawfare* no Brasil). Como bem (tragicamente) sabemos, tudo isso deu na eleição de Jair Bolsonaro.

Com esse histórico, não é por acaso que a *Rede Globo* recebeu por parte da esquerda a alcunha de “golpista”. No entanto, ironicamente, temos observado ultimamente que setores da própria esquerda têm considerado a emissora como “progressista”. E, o que é pior, têm pautado suas ações a partir dos ditames da empresa da família Marinho. Portanto, é imprescindível entender como a *Rede Globo* conseguiu reciclar sua imagem, passando de “golpista” para “progressista”.

A meu ver, dois fatores explicam essa questão: o suposto antagonismo entre a *Rede Globo* e o bolsonarismo; e a defesa do identitarismo.

Vamos ao primeiro ponto. Como dito, a *Rede Globo* é a principal porta-voz do antipetismo. Nessa lógica, na eleição presidencial de 2018, com Bolsonaro despontando como único nome capaz de derrotar o PT, a *Rede Globo* (e a grande mídia em geral) não teve dúvida: aderiu (mesmo de forma envergonhada) à candidatura do “mito”. Na época, acreditava-se que Jair Bolsonaro, eleito, seria “domesticado”. Além disso, o “avalista” Paulo Guedes era a garantia de que a agenda neoliberal seria colocada em prática. Daí o *slogan* “liberal na economia, conservador nos costumes”.

Com Jair Bolsonaro não se mostrando “domesticável” (pelo contrário se apresentando ainda mais aloprado do que nos tempos de deputado) e incompetente até mesmo para promover a prometida agenda neoliberal de terra arrasada, a *Rede*

Globo buscou desvincular-se totalmente da imagem do presidente e esconder de todas as formas seu apoio ao ex-capitão durante a campanha eleitoral. Quem ajudou a criar Jair Bolsonaro, passou a fingir que não tinha nada a ver com isso. O famoso “filho feio que não tem pai”.

É certo que alguns nomes do governo foram poupados. Para isso, foi adotado o recurso retórico de dividir o ministério de Jair Bolsonaro em “ala técnica” – aqueles a quem os discursos da *Rede Globo* deveriam exaltar, como o anteriormente citado Paulo Guedes e Sérgio Moro – e “ala ideológica” – representada por Damares Alves, Abraham Weintraub e Ernesto Araújo, cujos delírios terraplanistas eram constantemente criticados. Isso foi o suficiente para a *Rede Globo* passar uma suposta imagem de “independência”, “postura combativa”, “democrática” e “oposição ao fascismo”.

Se, no “liberalismo econômico”, *Globo* e “mito” estavam fechados, havia a divergência quanto ao “conservadorismo nos costumes”. Nessa questão está o segundo ponto que fez com que a emissora da família Marinho conseguisse reciclar sua imagem, passando de “golpista” a “progressista”. Trata-se da pauta identitária.

Vendido como (suposto) movimento de defesa das minorias, o identitarismo (ideologia criada e difundida pelo imperialismo estadunidense) é, na realidade, uma forma de garantir a presença de poucos negros, mulheres e homossexuais em espaços de destaque, às custas da manutenção da grande maioria em condições de vida adversas. É a aliança entre elite do capital e elite dos movimentos sociais. Uma das facetas da chamada “meritocracia”.

Para a *Rede Globo*, o identitarismo caiu com uma luva, haja vista que seu foco é em questões abstratas (linguagem neutra, por exemplo), típicas das classes média e alta; e não em necessidades materiais (ou seja, as aspirações da classe trabalhadora). Assim, a mesma emissora que é contrária às cotas raciais em universidades (afinal de contas, como já dizia Ali Kamel, “não somos racistas”) e que repudia políticas sociais (que beneficiam sobretudo as minorias) pôde se reciclar e posar de “progressista” (seja apresentando um casal homoafetivo na telenovela; seja mostrando mulheres e negros “empoderados”).

Não por acaso, o discurso identitário está por trás da atual ofensiva da *Rede Globo* contra o governo federal: a campanha (vinda diretamente de Washington) para Lula indicar uma ministra negra para o Supremo Tribunal Federal (STF). Não é de se duvidar que, caso o presidente não ceda a essa chantagem, será taxado de “racista” e “misógino”. Logo, comparado a Jair Bolsonaro.

Evidentemente, para as mulheres negras do Brasil (majoritariamente pobres), questões concretas, como salário digno, moradia adequada e creches para os filhos são muito mais importantes do que ter uma pessoa de seu mesmo sexo e etnia no STF (“representatividade” que não mudará em nada suas vidas). Também não custa lembrar que o primeiro negro na Corte, Joaquim Barbosa, foi protagonista do Mensalão (o embrião do golpe de 2016) e uma das mulheres do STF, Carmen Lúcia, admitiu ter condenado José Dirceu mesmo sem provas.

Infelizmente, salvo raras exceções, a esquerda, pautada pela *Rede Globo*, tem endossado a campanha por uma mulher negra no STF, que, em última instância, visa emparedar Lula (alguns agem assim por ingenuidade política, outros por desonestidade intelectual mesmo).

Como já dizia o velho Leonel Brizola: “Quando vocês tiverem dúvidas quanto a que posição tomar diante de qualquer situação, atentem. Se a Rede Globo for a favor, somos contra. Se for contra, somos a favor!”. Hoje, de forma vergonhosa, parte da esquerda (ou que se diz “esquerda”) faz o movimento contrário. Diante dessa realidade, em que muitas vezes a extrema direita é mais antissistema do que a própria esquerda, mais do que nunca é preciso gritar: “o povo não é bobo, abaixo a *Rede Globo*”.

***Francisco Fernandes Ladeira** é doutorando em geografia na Unicamp. Autor, entre outros livros, de *A ideologia dos noticiários internacionais (CRV)*. [<https://amzn.to/3ryNOWU>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA

A Terra é Redonda